

O ANIQUILAMENTO DO EU E A SOMBRA DA VIOLÊNCIA EM ASSUNÇÃO DE SALVIANO

THE ANNIHILATION OF SELF AND THE SHADOW OF VIOLENCE IN ASSUNÇÃO DE SALVIANO

Sabrina Siqueira¹
Mestra em Letras – Estudos Literários
Universidade Federal de Santa Maria
(sabrinasiqueir@yahoo.com.br)

Andrio J. R. dos Santos²
Mestre em Letras – Estudos Literários
Universidade Federal de Santa Maria
(andriosantoscontato@hotmail.com)

RESUMO: Em *Assunção de Salviano*, o protagonista do romance é acometido por um trauma de memória, devido ao seu contato com a violência. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é discutir como a personagem Manuel Salviano, um cético hostil à religião hegemônica, acaba por tornar-se um messias cujo ideal está fortemente fundamentado na ideia de abnegação e da fé na bondade. Para isso, discutiremos passagens específicas do romance, relativas a momentos anteriores e posteriores à conversão de Salviano. Como aporte teórico e crítico, aproximamo-nos do trabalho de autores como Walter Benjamin (1996), Norberto Bobbio (1998), Jeanne Marie Gagnebin (2002) e Wolfgang Sofsky (2006), entre outros.

Palavras-Chave: Alteridade. Crítica Social. Identidade. Violência.

ABSTRACT: In *Assunção de Salviano*, the protagonist of the novel is affected by a memory trauma, due to his contact with violence. In this sense, This paper aims at discussing how the character Manuel Salviano, a skeptic hostile to the hegemonic religion, ends up becoming a messiah whose ideal is strongly based on the Idea of self-denial and faith in goodness. Therefore, we will discuss specific passages of the novel, which refers to pre and post moments of Salviano's conversion This study is based on theoretical and critical principles of Walter Benjamin (1996), Norberto Bobbio (1998), Jeanne Marie Gagnebin (2002) e Wolfgang Sofsky (2006), among others.

Keywords: Alterity. Social Criticism. Identity. Violence.

Introdução

O romance *Assunção de Salviano* (1954), de Antonio Callado, narra a história de Manuel Salviano, um carpinteiro de Juazeiro, inicialmente ateu e intolerante a qualquer expressividade religiosa, que, depois de concordar em participar de um

¹ Doutoranda em Letras – Estudos Literários – Universidade Federal de Santa Maria. Agência de fomento: CAPES-DS.

² Doutorando em Letras – Estudos Literários – Universidade Federal de Santa Maria. Agência de fomento: CAPES-DS.

engodo e fingir-se de pregador, acaba aparentemente por se converter em um beato. O plano que envolve Salviano é de autoria de Júlio Salgado, revolucionário em missão do Partido Comunista. Intitulado de “Operação Canudos”, o plano consistia em Salviano conquistar a confiança dos posseiros e, justamente através do discurso religioso, levá-los a se revoltar contra os donos de terras. O plano de Júlio Salgado culminaria, na procissão do dia de Nossa Senhora da Conceição, em uma revolução sangrenta. Nesse dia, Salviano deveria revelar que era um comunista, e não um beato. Porém, um caixeiro viajante americano, Mr. Wilson, passa a desconfiar do envolvimento de Júlio Salgado e seu associado, João Martins, com Salviano. Levado pela obsessão com o plano, Júlio mata Mr. Wilson.

Durante o tempo em que finge ser beato, Salviano começa a mudar seu discurso e as questões sociais vão perdendo relevância em relação às religiosas: ao invés de incitar a revolta sangrenta, ele adverte que “não há quem entre no céu com um morto nas costas” (CALLADO, 1983, p. 90). Cada vez mais pessoas – doentes e extremamente pobres – passam a assistir Salviano, até o ponto em que ele começa a ser aclamado como santo. Júlio então confronta Salviano, para apurar se o plano ainda está em andamento. Porém, Salviano não apenas menciona que acredita de fato em tudo o que diz ao povo, como declina sua participação na “Operação Canudos”. Como vingança, Júlio incrimina Salviano pela morte de Mr. Wilson, fazendo com que sua própria esposa o denuncie. Salviano é preso e, no cárcere, passar a ter visões na escuridão. Todavia, devido a sua recusa em alimentar-se, acaba perecendo. Por temor do povo, que se agrupa em torno da delegacia clamando pelo seu santo, o padre, o prefeito e o delegado de Juazeiro, associados a Júlio Salgado, retiram o corpo por um buraco no telhado. Porém, Rita, que acompanhava Salviano, percebe a morte do então beato e o povo adentra na delegacia e na cela. Ao se deparar com o buraco no telhado e com a ausência do corpo, Rita clama que Salviano subiu aos céus. Essa concepção é a que persiste no imaginário do povo da região.

Antes da “Operação Canudos”, Salviano (cujo nome lembra “salvador”) se via oprimido pelo discurso dos líderes religiosos associados aos políticos que exploram Juazeiro. Sem outra condição de se rebelar, ele anseia pela violência como ação libertadora. Mas ao ser inserido a outro nível lexical, pelo qual se organizam os discursos religiosos, o protagonista adentra uma outra esfera social, na qual a violência física perde relevância diante da possibilidade de transformação social,

contida na mensagem benevolente da pregação religiosa, que agora não é mais intermediada por nenhum pároco corrupto, e sim por ele mesmo. Nessa instância, o discurso religioso revela-se como elemento autônomo, independente do grupo social a que se refere, e possuidor de força suficiente para despertar uma nova faceta identitária no protagonista, que até então era convicto de seu ceticismo.

Como a “Operação Canudos” fracassa e a concepção de Salviano como beato disseminador da paz persiste no imaginário do povo, ele cumpre sua revolução às avessas, ao deixar não uma mensagem de fúria, mas a crença de transformação pela benevolência, que culmina no ato, só explicável pela fé, da ascensão de um marceneiro a um reino de justiça e glória – reino dos céus, através do buraco no telhado. Tendo tais apontamentos em vista, nosso objetivo é discutir como a personagem Manuel Salviano, um cético hostil à religião hegemônica, acaba por tornar-se um messias cujo ideal está fortemente fundamentado na ideia de abnegação e da fé na bondade. Para isso, discutiremos passagens específicas do romance, relativas a momentos anteriores e posteriores à conversão de Salviano. Como aporte teórico e crítico, aproximamo-nos do trabalho de autores como Walter Benjamin (1996), Norberto Bobbio (1998), Jeanne Marie Gagnebin (2002) e Wolfgang Sofsky (2006), entre outros.

O aniquilamento do eu e a sombra da violência

A “Operação Canudos” exerce papel fundamental na conversão de Salviano. O estrategema objetiva ser o estopim de uma ação revolucionária sangrenta e violenta, uma vez que pretende a destruição da ordem vigente para que se possa construir uma nova, supostamente aprimorada. Trata-se de uma questão diretamente relacionada ao problema da afirmação de poder. Esse fato fica claro nos interesses do Partido Comunista, expressos por Júlio Salgado: “[o] que lhe interessava primeiro era crescer com um fantasma, uma ameaça constante, um fermento generalizado, um medo comum a todos que não pertencessem às suas fileiras” (CALLADO, 1983, p. 80).

É possível reconhecer o sentimento de iminência em relação à violência. Como uma sombra, apenas ela seria capaz de erigir algo duradouro. Na concepção da personagem Júlio Salgado, apenas a violência poderia legar. Norberto Bobbio (1998) discute o conceito de violência em paralelo ao de poder, estabelecendo

algumas distinções. Se a violência se caracteriza por uma alteração danosa no estado físico de indivíduos ou grupos, o poder se caracteriza por uma alteração da conduta de indivíduos ou grupos, dotados de vontade própria mínima. A violência muda o estado do corpo ou do ambiente do outro, já o poder altera a vontade do outro. Isso é justamente o que Júlio Salgado planeja e, além disso, como objetivo final, é a própria ideia de violência que altera profundamente o caráter de Manuel Salviano. Como Bobbio, comenta, mesmo em suas diferentes formas, “o resultado **[da violência]**³ é o mesmo: uma modificação prejudicial do estado físico do indivíduo ou do grupo que é o alvo da ação violenta” (1998, p. 1292).

Antes de aderir ao plano, Salviano constituía-se um sujeito orgulhoso. Era de conhecimento geral, em Juazeiro, que era desejado por Rita, a lavadeira, quem, por sua vez, era desejada por boa parte dos homens da cidade. Embora Salviano fosse fiel à esposa, deleitava-se com a situação: “a mulata só faltava pegá-lo uma noite e puxá-lo para uma barranca do rio – tudo em vão. Salviano era escrupulosamente fiel à mulher. Mas por nada no mundo perderia o gosto de ser desejado pela Rita e de o saberem assim desejado” (CALLADO, 1983, p. 19). Ele sabe-se desejado, por isso coloca-se em uma situação de poder sobre Rita. Ao negar a consumação do desejo dela, recai sobre ele justamente o controle sobre tal desejo. Para Hegel, o desejo seria aquilo que concede ao homem que contempla a noção de si mesmo, o conhecimento e reconhecimento de si como indivíduo. Além disso, o desejo só se realizaria pela negação, a qual implica a destruição ou transformação do objeto desejado. Essa negatividade seria ativa, embora não necessariamente destrutiva, pois essa ação que destrói o objeto de desejo, que é objetivo, cria uma realidade subjetiva para substituir este objeto. No caso de Salviano, a negação da consumação do desejo em relação a Rita é parte do que justamente atua na manutenção de sua indenidade. Ao abdicar do reconhecimento desse desejo, ao tornar-se pregador, ele abdica também de parte de sua capacidade de autorreconhecimento, uma vez que sua realidade subjetiva, em que seu eu sabe o que deseja, é fragmentada. De modo geral:

[O] Eu do desejo é um vazio que só recebe um conteúdo positivo e real pela ação negadora que satisfaz o desejo de destruir, transformar e assimilar o não-Eu desejado. E o conteúdo positivo do Eu, constituído pela negação, é uma função do conteúdo positivo do não-Eu negado (HEGEL, 2002, p. 12).

³ Grifo nosso.

Além disso, Salviano também se embevece pela exibição pública e pela inveja que o desejo de Rita causa no povoado. A narrativa estabelece hierarquias de grupos sociais, como os pobres e doentes que ouvem o protagonista atuando como beato, os pobres com convicções políticas, como Salviano, os líderes religiosos e o grupo comunista que intenta revolucionar a ordem estabelecida. Salviano transita por dois grupos antes de participar da “Operação” e depois de ganhar voz por meio do engodo que performa. Mas em qualquer dessas esferas ele é manipulado, ora pelos poderosos, ora pelos que pretendem tomar o poder.

Quando Júlio Salgado entra em contato com Salviano para propor-lhe a “Operação Canudos”, este afirma a necessidade de uma revolução violenta. Tanto Salgado quanto Salviano só podem conceber e reconhecer o poder ou as instituições sociais a partir da violência. O protagonista atém-se ao caráter físico da violência, ele acredita que a religião católica vigente inebria o povo e auxilia na sua exploração. O caráter violento e cético de Salviano pode ser apreendido a partir do excerto abaixo:

— Escute — respondeu Salviano, interrompendo. — O João da Cancela está disposto até a jogar dinamite embaixo do barco maior, onde vai o ardor. Com os homens de Porecatu, habituados lá no Paraná a briga de tiro com grileiros de marca do coronel Juca Zeferino, ele acha mesmo uma coisa assim possível.

— Isto nó só aceitaremos que ele faça se não houver nada melhor, Salviano.

— Melhor? — disse Salviano. — Pois então mandar pelos ares os bispos que vêm aí, junto com este padre Generoso do Juazeiro, descansados que nem rio em tempo de seca? Melhor do que isso?

— Você precisa racionalizar seu justo horror à religião, Salviano. O que o Partido quer é destruir a própria religião, em lugar de dar cabo de meia dúzia de padrecos.

— Ah, mas isto quem é que vai viver para ver? Tem mais padre por aí do que mato e esta gente do Brasil não aprende, não. Quando aparece um padre, fica todo o mundo bobo, todo o mundo quer cair logo de joelhos. Qual, isto aqui não vai mesmo para a frente, não. Só bomba é que adianta (CALLADO, 1983, p. 35).

Essa característica atribuída à Igreja Católica, de perpetuar a exploração do povo sem recorrer a embates físicos e se deter à esfera do discurso inebriante, corresponde ao conceito de “violência simbólica” criado pelo francês Pierre Bourdieu. O intuito do autor é descrever o processo pelo qual a classe que domina economicamente impõe sua cultura ou vontade aos dominados. Essa violência simbólica se expressa na imposição “legítima e dissimulada” de interiorização da

cultura dominante, no caso, o dogmatismo católico, que prega humildade e subserviência. Conforme Bourdieu (1996),

Um dos efeitos da violência simbólica é a transfiguração das relações de dominação e de submissão em relações afetivas, a transformação do poder em carisma ou em encanto adequado a suscitar um encantamento afetivo. [...] A violência simbólica é essa violência que extorpe submissões que sequer são percebidas como tais, apoiando-se em “expectativas coletivas”, em crenças socialmente inculcadas (BOURDIEU, 1996, p. 170 – 171).

Essa seria uma violência quase invisível, que opera pelas vias simbólicas da comunicação, do conhecimento e da cultura imposta, que segregam o outro, o desconhecedor dessa cultura, desse discurso, ao grupo inferiorizado e suscetível a ser explorado. Da intuição de como opera essa violência oriunda das classes religiosas provém o asco do protagonista em se passar por um beato. Além da atestação violenta de que “[s]ó bomba é que adianta”, Salviano sente seu orgulho ferido com ideia de se passar por um pregador: “o que o senhor está querendo? Que eu faça esse papel de idiota? [...] Eu vou andar por aí com esses beatos andrajados, comendo em cuia de esmola e falando ao povo no fim do mundo?” (CALLADO, 1983, p. 36). Salviano hesita e Júlio Salgado procura meios de convencê-lo. Seus argumentos se desenvolvem em uma direção: a destruição. Na sua condição de homem simples, o protagonista não vislumbra formas de mudança ou alteração da ordem vigente, representada pelo discurso dos clérigos católicos, sem o uso da violência, e ele associa às personas dos padres e bispos o poder do discurso que, na verdade, advém de uma doutrina.

O repúdio de Salviano, portanto, não é contra a Igreja Católica enquanto instituição ou ao seu dogmatismo, mas quanto ao poder dos homens que a representam naquele espaço onde o povo é oprimido. A leitura que Salviano faz da religião passa pela sua identidade de cidadão oprimido. Salgado, assim com Salviano, deseja reformar as leis agrícolas, beneficiar o povo, porém, seu anseio maior é o próprio ato violento: “Júlio fez um esforço para continuar convencendo Salviano. Seu desejo era dizer que só se age quando o ódio é o motivo, que só se cria quando o fim último é a destruição” (CALLADO, 1983, p. 38-39). O próprio Salviano, ao final da discussão, admite que: “[e]u ando meio cansado de alisar madeira. Só a ideia da gente

começar a marretar esses grileiros e esses coronéis me dá coragem para tudo, até para bancar o maluco” (CALLADO, 1983, p. 42).

Dessa forma, verificamos que a violência, no romance de Callado, é motivada por atos de ambição. Estudioso das aparições de violência na literatura, Jaime Ginzburg explica que algumas vezes essa força se expressa de forma indireta: “a força destrutiva voltada sobre o outro pode manifestar-se não de modo dirigido, mas intransitivo. Como uma associação de ideias sem controle, que não exige nenhuma antecipação explicativa” (GINZBURG, 2012, p. 6). O anseio pela ação violenta das personagens que planejam a Operação Canudos denota a ausência de perspectiva de melhores condições sociais ou fé no poder público, além de indicar o estado de abandono dessa parcela do povo brasileiro, suscetível assim à violência direta de coronéis ou à simbólica de fanáticos. Nesse aspecto, o romance de Callado reverbera o drama de espaços brasileiros negligenciados por autoridades e explorados por manobras discursivas, como muitos fenômenos messiânicos documentados no Brasil⁴.

Depois que Salviano finalmente concorda em participar do plano, fingindo ser um tipo de beato e pregador, sua identidade passa a se fragmentar e a se diluir dentro de suas próprias fantasias de santidade. Nesse ponto, é interessante comentar a menção de Jeanne Marie Gagnebin (2002) sobre o reconhecimento e o registro da memória. A autora ilustra, a partir da **Odisseia**, como a afirmação da palavra é capaz de despertar o reconhecimento pleno do herói, pois a palavra funcionaria como um rastro de memória. Para a autora, sem acesso ao todo de suas lembranças, o indivíduo segue rastros de memória em meio ao jardim semidestruído do mundo. No caso de Salviano, os “rastros” são perdidos, sobrando apenas o que Gagnebin denomina de “restos”, de natureza oca, arruinada e de difícil reconhecimento. Desse modo, se o homem busca uma estrada, uma jornada sua, ela é incerta: “ao juntar os rastros/restos que sobram da vida e da história oficiais, poetas, artistas e mesmo

⁴ Alguns exemplos do quanto esses fenômenos decorrentes do descaso do poder público para com o povo são frequentes desde o Brasil Colônia e ocorrem em diferentes regiões são a “Revolta dos Mucker”, no Rio Grande do Sul, entre 1868 e 1874, em que um povoado de imigrantes alemães foram liderados por Jacobina Maurer, tendo encontrado no fanatismo religioso uma resposta para a pobreza em que viviam; a “rebeldia sertaneja baiana” liderada por Antonio Conselheiro no caso Canudos (e cuja nomenclatura dialoga com o universo diegético do romance de Callado), ocorrido em Belo Monte, entre 1896 e 1897; a “Guerra do Contestado”, nos sertões de Santa Catarina, entre 1910 e 1914, caracterizada pela união de sertanejos liderados por monges.

historiadores [...] também cumprem a tarefa silenciosa, anônima, mas imprescindível do narrador autêntico” (2002, p. 133).

Gagnebin cita o texto **O Narrador** (1992), de Walter Benjamin, para explorar a questão da narrativa, lembrando sobre seu declínio e acerca de como a narrativa teria a função de transmitir o saber humano. É nessa instância do reconhecimento pleno, conforme supracitado, que o argumento da autora se relaciona com o texto de Benjamin e, por sua vez, o texto de Benjamin com **Assunção de Salviano**. Salviano prega para turbas de posseiros. Isto é, ele desenvolve narrativas orais, altamente retóricas. Para Benjamin (1992), existem dois tipos de narradores. Um deles é o “camponês sedentário”, que ganhou a vida sem sair de seu país e que conhece sua tradição; o outro é o “marinheiro comerciante”, que representa o conhecimento que vem de longe. Salviano possui características de ambos, uma vez que veio de longe, do Paraná, onde se sugere que já tenha instigado uma pequena revolução, ao passo que está estabelecido em Juazeiro há um bom tempo. Benjamin destaca que o grande narrador tem sempre suas raízes no povo, principalmente nas camadas artesanais. Salviano era um marceneiro, conhecido dos trabalhadores.

Além disso, para Benjamin, a verdadeira narrativa compreende uma dimensão utilitária, seja em nível moral ou prático. Ou seja, o narrador é aquele que sabe dar conselhos. Mas aconselhar é menos responder a uma pergunta e mais fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história narrada: “o conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria” (BENJAMIM, 1996, p. 200). É exatamente isso que Salviano passa a realizar em suas pregações. A humildade e a pobreza assumem caráter determinante nas pregações da personagem, assim como as acusações sobre a cobiça dos padres e das classes altas. Para o Salviano Convertido, só a humildade e a pobreza, aliadas a fé, é que podem ser objeto de redenção e salvação, só assim o homem poderia alcançar uma verdadeira transcendência.

Se antes Salviano só acreditava na violência direta, física e desmedida, seu novo discurso causa contrastes com suas convicções anteriores. Wolfgang Sofsky (2006) argumenta que a transcendência está relacionada à caracterização de violência, entendida pelo autor como a tentativa de superar a finitude e a limitação diante da compreensão do outro. Porém, Sofsky esclarece que essa superação é apenas aparente e não se realiza de fato. Segundo o autor, trata-se do sentimento de

soberania diante do outro, e também da própria morte, que cria a ilusão de transcendência. Nessa perspectiva, não haveria nenhuma finalidade legítima para a violência. A dualidade que se afirma entre as convicções de Salviano e a ficcionalização de seu caráter, isto é, sua conversão em beato, resulta em um forte atrito. Nesse conflito, sua memória fragmentada é dissipada entre a violência e a beatitude, o orgulho e a humildade e, como tentativa de solucionar essas tensões, Salviano passa a ver a si como um outro.

Após assistir a uma das pregações de Salviano, Júlio Salgado decide interrogá-lo, no intuito de confirmar o andamento da “Operação Canudos”. A resposta de Salviano é contundente e demonstra o problema do reconhecimento do eu e da fragmentação da memória: “[e]u mesmo me perguntava de noite o que é que tinha acontecido em mim durante o dia, seu Júlio. As coisas que eu dizia pensando que dizia mentira viravam verdade depois na minha cabeça” (CALLADO, 1983, p. 93). Desse modo, Salviano atinge uma crise identitária, em caráter daquilo que Hall (1992) nomeia de “identificação”, ou seja, relativa às diversas instâncias que permeiam e compõe de forma dialógica a identidade de um sujeito. Além dessa instância, essa crise é fundamentada na mais épica de todas as faculdades (BENJAMIN, 1996): a memória. Como Gagnebin comenta, trata-se de um trauma na memória. Para a autora, “o ‘trauma’ é a ferida aberta na alma ou no corpo por acontecimentos violentos, recalçados ou não, mas que não conseguem ser elaborados simbolicamente, em particular linguisticamente, pelo sujeito” (2002, p. 127). Esse trauma, a marca daquilo que não pode mais ser articulado, no caso de Salviano, se define como seu próprio autorreconhecimento. E o gatilho desencadeador desse problema é a ideia e a sombra constante de violência. Desse modo, Salviano torna-se ele próprio um outro.

Se antes Salviano concordou com o plano porque “[e]u ando meio cansado de alisar madeira. Só a ideia da gente começar a marretar esses grileiros e esses coronéis me dá coragem para tudo, até para bancar o maluco” (CALLADO, 1983, p. 42), agora, ele prega a humildade e a fé. Além disso, sua postura é a de uma total abnegação, pregando a busca pela humildade de redenção através da remissão dos pecados. Salviano exclama aos trabalhadores, sobre um caixote na estrada?

Então Ele dá à gente a dor, que é a comida da alma, e a gente quer quebrar o prato no chão e pedir a Ele que dê à gente o prazer? Não fiquem o tempo todo a rezar por um milagre, rezem para evitar o pecado. Tudo que vem do céu é bem-vindo e as penas da gente vêm

do céu. Vocês, desgraçados de alma negra e coração ruim, que vivem pedindo a Deus que faça milagres, vocês estão abrindo as grelhas do inferno debaixo dos seus pés! Antes de limpar o coração a gente não vai pedir a Deus que entre nele e faça um milagre! (CALLADO, 1983, p. 88).

Mas Júlio Salgado não compreende essa mudança. De fato, ao assistir a pregação de Salviano, ele se sente “constrangido e mareado” (CALLADO, 1983, p. 90), cheio de asco pelo fato de Salviano estar contradizendo os ideias expressos pela “Operação Canudos”. Para Salgado, tudo é compreendido através de relações de poder e da ameaça de violência: “Salviano tinha escapado ao seu controle. Seu respeito era agora uma atitude social. Não tinha mais a antiga consideração pela sua inteligência e nem sentia mais o temor e a admiração com que escutava outrora suas ideias e seus planos” (CALLADO, 1983, p. 92). Salgado, percebendo que Salviano está fora de “controle” e que não possui mais “o temor e a admiração” pelas suas ideias, decide incriminá-lo pela morte de Mr. Wilson.

Na cadeia, Salviano recusa-se a comer e permanece sozinho, no escuro, sendo assistido vez ou outra por Rita. Bobbio (1998) distingue a violência de formas de ameaça baseadas em força, assim como a relação dual entre a violência e a atuação do mártir. Enquanto a violência é capaz de destruir o mártir, ela é ineficiente em dobrar sua vontade. Tais distinções têm objetivo, segundo o autor, de distinguir violência de relações de poder. Por sua vez, Sofsky (2006) comenta que a essência da violência não reside em sua prática, e sim no sofrimento e na angústia que inflige no corpo do outro. Ou seja, a verdade da violência estaria em suas marcas. Seriam essas marcas o que destruiria a ilusão de transcendência e que lembraria o indivíduo da finitude e da morte.

Salviano morre na cadeia, devido à inanição. Esse fato poderia endossar sua conversão, atestando uma verdadeira mudança da personagem, em caráter de fé. Porém, a beatitude de Salviano é uma performance que, instigada pela sombra e pelo desejo de violência, de quem anseia por uma revolução em que “[s]ó bomba é que adianta”, cria uma tensão indissolúvel na memória. Salviano parte-se ao meio e, estilhaçado, não consegue mais recuperar os fragmentos de seu próprio eu. Assim, ele não apresenta de fato uma conversão, mas um estado de tensão, o que desencadeia uma crise identitária, um trauma de memória – uma fragmentação que vai até o ponto que o autorreconhecimento não é mais possível. A morte de Salviano

não é a morte do mártir, que encontra vitória através da afirmação de sua convicção, mas a morte de um sujeito apartado de seu próprio eu, imerso em um estado de apatia, de quem ora reconhece partes de si, ora não. Justamente por isso, ele é condenado ao aniquilamento e ao apagamento.

A questão do trauma

Em **Assunção de Salviano**, a questão do trauma de memória se desenvolve como um atrito, algo deslocado ou que desloca, que arrasta o objeto para além de seu lugar de significação. Esse destempero causa, por si mesmo, um tipo de mal estar, de desordem e instabilidade dubiamente estável; trata-se do caráter primevo do texto de Callado, fruto da relação do homem consigo mesmo e com o mundo. É através dessa estranha alienação que contemplamos o campo sempre tenso da alteridade, da diferença e da identidade. Por consequência, o campo da violência e do trauma. Nesse jogo, Callado articula a relação dual entre o eu e o outro, entre o homem e o mundo. Desse modo, a desorientação e o trauma na memória de Salviano advêm justamente desse confronto narrativo com o mundo. Trata-se, de fato, de um problema de ordem narrativa, uma vez que é a partir do momento em que Salviano assume sua posição como contador de histórias que ele passa a ser fragmentado e despido de seu próprio caráter.

Pela caracterização de Freud (1925), o trauma se estabelece entre um corpo e um desejo que lhe é estranho, pressupondo a interação do outro. Mais que isso, o trauma é o descolamento de uma “camada protetora”, que permite que, por baixo dela, se preservem os escritos da experiência. O trauma é algo brutal que fratura a estrutura anímica dessa camada, deixando marcas na cera abaixo dela, no subconsciente. Esse ato, a película transpassada por algo afiado e danoso, é compreendido como um estímulo de tal intensidade que seria impossível de simbolizar. No caso de **Assunção de Salviano**, o fator definidor pode ser identificado com a projeção, ou a sombra, da violência. Algo que age como uma espécie de moção, pela qual Salviano aliena-se de seu próprio eu, abdicando de seu caráter em nome de outro, de uma performance, de outra personagem com a qual ele não se identifica.

Néstor Braunstein (2006) menciona que o trauma divide a vida em duas partes, cria um momento no tempo, estabelece um antes e um depois. Todavia, o autor também ressalta que o indivíduo que vive depois do trauma não é mais ele

mesmo, mas um sobrevivente. Ou seja, aquele que, semanticamente, “sobre-vive”. No entanto, não existe um pós-trauma, o trauma é sempre um presente, algo que retorna e não se entrega ao passado. Por isso, o ser que vive depois da ruptura é um outro, não mais aquele que viveu antes. Do sobrevivente, exige-se que viva a vida do que viveu antes, algo que não mais é possível, uma vez que o sujeito primeiro está morto. Nessa medida, o Salviano que vive depois do trauma, ou na situação de trauma, não mais reconhece o sujeito que antecede o trauma. Sua vida foi cindida pela ameaça e pela ânsia constante da violência. O desejo pela revolução sangrenta a ser deflagrada pela “Operação Canudos” moveu-o a criar outro caráter, uma máscara, a figura de um narrador que entrou em choque com o que Salviano reconhecia de si mesmo. Por isso ele não se reconhece mais, a ponto de não reconhecer nem mesmo seu papel de missionário. Ao ser questionado por Júlio Salgado se agora fazia milagres, ele responde: “Eu não faço, mas tenho restituído a algumas pessoas a fé, que faz milagres. Ela é que move montanhas, não são os santos” (CALLADO, 1983, p. 92).

Braunstein menciona que o sobrevivente está “entre duas mortes. Uma que já passou e outra que está por chegar” (2006, p. 5). Trata-se de um estado identificável na forma narrativa de Salviano no último capítulo: um fluxo de consciência desregrado e constante, algo que aniquila os limites da coerência narrativa. No entanto, essas “visões” não são redentoras, não oferecem a revelação de um mistério divino, mas apenas servem para sepultar a memória traumatizada do protagonista. Na condição do trauma, os performativos sociais se desfazem. Por isso, Salviano não come, não dorme, não recebe ninguém. Promessas se rompem ou perdem a importância. Assim, ele abandona aqueles que o seguiam. Depois das visões, define até morrer, o que seria sua segunda morte. Como Braunstein ressalta, no trauma

O real se reproduz sem véu, a realidade fica à espera, detida, em suspenso, **en souffrance**. E seu lugar é tomado pela coação, o automatismo, **Zwang**, uma repetição que se impõe e até maneja os fios dos processos primários em oposição ao princípio que manda, antes de mais nada, evitar o desprazer (BRAUNSTEIN, 2006, p. 6).

Por outro lado, o que é traumático pode ser também a antecipação daquilo que o eu sabe, mas nega. Lacan discorre que o trauma “não é o que irrompeu num certo momento e fraturou uma estrutura, a do narcisismo, imaginada como total. O traumatismo é um valor traumático que deve buscar-se – no grafo do desejo – na

relação do sujeito com o significante” (LACAN, 1961, p. 84). Nesse sentido, o psicanalista francês distancia-se de Freud. Para Lacan, o trauma não se caracteriza por algo positivo que se encadeia, mas sim por uma negatividade, uma ausência, um estado no qual o desejo do outro não se formula; nessa ausência negativa é que se estabelece o “valor traumático” de tal contexto. No texto de Callado, essa negatividade se estabelece pela alienação do próprio caráter de Salviano, que, no intuito de saciar sua sede por violência, aceita tornar-se outro, mudar de carpinteiro a narrador-profeta. No entanto, esse é um caminho sem volta. Salviano parte-se ao meio e o resultado dessa cisão parece irreconciliável. A respeito da pluralidade identitária comum a todos os seres e da alteridade que isso implica, cabe a explicação de Luiz Costa Lima (2006):

O sujeito humano contém em si mesmo a alteridade, pela impossibilidade de uma lógica que satisfaça seus campos de ação indispensáveis – desde a técnica de domínio até o estabelecimento de ilusões – somos necessariamente plurais; tal pluralidade não significa fragmentação no sentido negativo, mas o ajuste a experiências fundamentais e dessemelhantes. Nossa dificuldade não está no múltiplo interno que trazemos, senão em saber como lidar com ele. Desde que a individualidade deixou de ser estabelecida por uma fronteira externa (a família, o clã, a comunidade, a nação), não temos uma educação que nos prepare para o paradoxal e contraditório que somos. Carecemos dessa educação e a tememos. Daí a facilidade das experiências traumáticas e o cinismo ser a disposição psíquica mais adequada contra a multiplicação das culpas (LIMA, 2006, p. 139).

Braunstein (2006) comenta que a narrativa intenta cicatrizar a ferida do trauma. O registro do sujeito se caracterizaria por fragmentos de memórias que já se foram, os “restos” mencionados por Gagnebin (2002), e outros que ainda não se estabeleceram, que são devir. No entanto, essa não é uma operação de se realize em **Assunção de Salviano**. O protagonista torna-se narrador, é claro, mas não de seu próprio trauma. Ele narra, ou melhor, performa uma personagem narradora no intuito de fazer com que os trabalhadores da terra o sigam, mergulhando com ele em sua revolução. Mas o atrito causado pelo choque entre essas duas personas, o Salviano Cético e Cínico e o Salviano Pregador, aniquila a possibilidade de transcender o trauma. O que resta é a ilusão transcendental que Salviano nutre nos primeiros momentos após sua “conversão”. Mas nem mesmo ela persiste, desfazendo-se conforme ele passa dias e mais dias na prisão. Nesse ponto, ele não sabe mais quem

ou o que é. Essa transcendência, como defende Sofsky (2006), é ilusória, proteção contra a falta de finalidade e contra a tensão do eu em oposição ao mundo.

Considerações finais

A identidade de **outsider** que sempre ocupou em Juazeiro, quer por ter vindo de outro estado, quer por ser ateu numa terra de crentes, aloca Salviano como um sujeito propenso a desejar a revolução em um primeiro momento, e depois suscetível a se interessar por um discurso de salvação, quando participa da missão “Operação Canudos”. Tomando emprestadas palavras de Anatol Rosenfel⁵ acerca da condição de alteridade dos pregadores, “[s]omente por não se identificarem inteiramente com o ambiente, com os ‘outros’, os profetas bíblicos puderam conceber a sua mensagem revolucionária. A separação parece ser a condição do homem que tem uma missão espiritual a cumprir” (MANN, 2015, p. 150). Ou seja, a característica de “descolado” do grupo de referência na narrativa, pela origem e pela ideologia, posiciona o protagonista como propenso a assumir a posição de voz do grupo. A condição de **outsider** de Salviano passa de uma margem à outra, de indivíduo sem representatividade a líder comunitário, de uma esfera negativa de deslocamento a uma esfera positiva porque impregnada de poder de persuasão, mas ainda assim desconectada do elo do grupo. Quando analisa a obra de Mann, Rosenfel (2015) atenta para a ironia presente, e essa característica encerra também o romance de Callado, dada a ironia que emoldura o fanatismo de Salviano, vítima do discurso que ele próprio usaria para iludir.

Do começo ao fim do romance, a narrativa nos apresenta um protagonista dilacerado, um **outsider** ciente de sua condição desfavorável, cuja relação com a violência muda ao passo que sua identidade passa por alterações: quando se via como oprimido sem voz, ele almeja pela violência física como forma de libertação; ao ganhar voz através da identidade de pregador, entra em contato com outra forma de possível violência, a de caráter ideológico/discursivo, e justamente aí vislumbra uma possibilidade de mudança para si e para o povo.

Rita exerce papel determinante nesse trânsito do protagonista por diferentes esferas sociais: a de oprimido sem voz e a de enunciatador do discurso. Ao preterir a

⁵ Em ensaio sobre Thomas Mann.

prostituta, Salviano se destaca entre os homens do povo que a desejam, e ganha visibilidade aos olhos de Júlio Salgado, que o escolhe para ser o messias pela aura de admiração que exerce entre seus pares, por negar satisfazer o desejo da mulher que é desejo dos demais. Rita continua seguindo Salviano nas mudanças pelas quais passa o protagonista e é a responsável por perpetuar entre o povo sua suposta divindade, ao clamar que o amado teria ascendido ao céu, como Cristo.

Numa aproximação com a história de Jesus Cristo, Rita tem sua atuação equivalente a de Maria Madalena, que proporciona a Jesus mostrar benevolência a uma mulher que despertava desejo entre os homens e que, por sua vez, segue o filho de Deus até a morte, que acontece depois de uma prisão e castigos injustos, para então anunciar sua ressurreição e ascensão a um reino de justiça divina. Salviano não descende de Deus, mas é um marceneiro do povo, que descobre outra faceta sua ao tomar para si o papel de messias e ser, ironicamente, tocado pelo próprio discurso de benevolência. A confusão em que a personagem imerge a partir dessa mudança identitária decorre da negação de sua identidade primordial, a partir de quando é “acordado” para o próprio chamado discursivo.

Quando escuta o discurso da “personagem” assumida, Salviano é levado a refletir sobre a condição humana e a ver a si próprio deslocado de seu papel social, a saber, um homem quem almeja por uma revolução sanguinária. A mudança identitária se dá, portanto, a partir da reflexão sobre o discurso a que é levado a performar, um discurso motivado pela violência e todos os seus sentidos – ideias impregnadas em Salviano. Conforme aumenta o entendimento do protagonista quanto à situação injusta e hostil do meio social em que está inserido, apresenta-se o aspecto mais trágico do romance, especificamente o entendimento de que não importa o papel que desempenhe, ele nunca estará entre o grupo dominante, entre aqueles que perseveram em ser parte da norma vigente. Primeiro, por não poder, e depois, por não aceitar mais a ocupação do poder político como o real meio de salvação. Isso porque depois de escutar a própria pregação, ele sabe que não é suficiente o poder que não considera a condição humana e a justiça social. A essa personagem dilacerada só cabe sucumbir, definhar, renunciar à própria vida. Ironicamente, Salviano é transformado – ou aniquilado – pelo engodo que aceita tomar parte para iludir os posseiros.

Referências

BENJAMIN, W. O Narrador – Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BOBBIO, N. Violência. In: BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. (Org.), **Dicionário de Política**. Brasília: UnB, 1998, p. 1291-1298.

BOURDIEU, P. **Razões práticas: sobre teoria da ação**. Trad. Mariza Corrêa. Campinas, SP: Papiurus, 1996.

FOUCAULT, M. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FREUD, S. O Estranho (1919). In: _____. **História de uma neurose infantil**. E.S.B., Vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____. Uma Nota Sobre o Bloco Mágico (1925). In: _____. **Obras completas de Sigmund Freud, Vol 3**. Rio de Janeiro: Imago, 1995, p. 272-314.

GAGNEBIN, J. M. O rastro e a cicatriz: metáforas da memória. In: **Pro-Posições** - vol. 13, N. 3 (39) - set./dez. 2002, p. 125-133.

GINZBURG, J. **Literatura, violência e melancolia**. Campinas: Autores Associados, 2012.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 1992.

LACAN, J. **Seminário IX**. Inédito, 1961.

LANDOWSKI, E. **Presenças do Outro: Ensaio de Sociosemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

LIMA, L. C. O caráter do sujeito: breve esboço à sua disposição fragmentária. In: **História. Ficção. Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MARIGUELA, A. D. **O Estrangeiro de Albert Camus: narrativa literária, alteridade e diferença**. In: Letras & Letras, Uberlândia, nº 24, vol. 2, jul/dez 2008, p. 143-166. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/25401/14115>>. Acesso em: 17/11/2016.

QUEIROZ, R. S. **Mobilizações Sociorreligiosas no Brasil: os surtos messiânico-milenaristas**. Revista USP, São Paulo, n. 67, p. 132-149, setembro/novembro 2005.

ROSENFEL, A. Ensaio. In: MANN, T. **A morte em Veneza; Tonio Kröger**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SARTRE, J-P. Introdução ao estrangeiro. In: CAMUS, A. **O Estrangeiro**. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1942.

_____. **O existencialismo é um humanismo**. São Paulo: Vozes de Bolso, 2012.

SELIGMANN-SILVA, M. A história como trauma. In: NESTROVSKI, A.; SELIGMANN-SILVA, M. (Org.). **Catástrofe e representação**. São Paulo: Escuta, 2000.

SIQUEIRA-BATISTA, R.; BATISTA, R. S.; SCHRAMM, F. **O Sétimo Selo de Bergman e O Estrangeiro de Camus: os matizes da finitude**. In: Existência e Arte, Ano 5, nº 5, jan/dez de 2010. Disponível em: <<http://www6.ensp.fiocruz.br/repositorio/resource/357043>>. Acesso em: 16/11/2016.

SOFSKY, W. **Tratado sobre la violência**. Madrid: Abada Editores, 2006.



Recebido em 12 de novembro de 2017
Aprovado em 22 de março de 2018